



**VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**  
**40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas**

---

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

---

**TÍTULOS FAVORITOS NUMA PRISÃO FEMININA PORTUGUESA: DO USO DA BIBLIOTECA  
AO QUESTIONAMENTO DOS GOSTOS DE LEITURA**

---

SEQUEIROS, Paula

Doutora em Sociologia, investiga Bibliotecas públicas e Leitura

Centro de Estudos Sociais, U.C.

paulasequeiros@ces.uc.pt

---



### Resumo

A prisão feminina de Sta. Cruz do Bispo foi terreno para estudo de caso qualitativo para compreender as práticas leiturais das reclusas e seus significados e sua inserção no quotidiano. Com uma população reclusa, no presente, mais feminina, mais idosa e menos escolarizada, entendeu-se dar atenção especial à leitura nesse contexto.

Inquirindo o que leem as reclusas, porquê e com que significados, desenhou-se uma abordagem qualitativa, metodologicamente diversificada e integrada, compreendendo etnografia, entrevistas individuais e grupais com leitoras e intermediadores no processo da leitura. As práticas foram analisadas no contexto do espaço físico e social, do uso do tempo, das relações com familiares, outras presas e o pessoal do estabelecimento. Conhecidos os títulos favoritos (romances cor-de-rosa, inscritos na literatura industrial, também designada light ou kitsch), a investigação focou-se depois na compreensão das razões dessas preferências.

Analisaram-se alguns títulos favoritos tendo em conta os géneros literários e a sua possível filiação noutras linhas de produção para públicos femininos, sustentando a desconstrução dos preconceitos de género e de classe frequentemente associados à sua crítica.

A análise de tais práticas, concetualizações e representações desvelou traços interessantes e eventualmente inesperados sobre essa leitura. As conclusões tecem-se tendo em conta as práticas anteriores das próprias e a penetração comercial da literatura industrial fora da prisão.

### Abstract

The prison of Santa Cruz do Bispo, Portugal, was the ground for a qualitative case study directed to understand the women prisoners' reading practices, their meanings and insertion in the everyday life. As the detainee population is, at present, growingly female, and this is now older and less educated, a special attention was given to reading in this context.

To enquire what was read, why and with what meanings, a qualitative approach was designed, using a diverse and integrated methodology, which included ethnography, individual and group interviews with readers and agents in the reading process. Reading practices were analysed in the context of physical and social space, of the use of time, and that of relations with family, other detainees and the staff. Having identified the favourite titles (romance novels described as industrial, light or kitsch literature), the research focused on understanding the reasons of these preferences.

Some favourite titles were analysed taking into account the literary genres and a likely lineage connecting them to other products targeted for female audiences, while sustaining the deconstruction of gender and class prejudices often associated with their criticism.

The analysis of such practices, conceptualisations and representations has unveiled interesting, maybe unexpected traits about this reading. Conclusions are presented considering readers' previous practices and the commercial penetration of industrial literature outside of prison.

Palavras-chave: prisões femininas; leitura; literatura light; kitsch; romances cor-de-rosa

Keywords: women's prisons; reading; light literature; kitsch; romance novels



## 1. Introdução

A biblioteca de Santa Cruz do Bispo, constitui uma localização social interessante para investigar leitura em bibliotecas dado ser usada, em grande parte, por mulheres das classes populares, o que não é frequente em Portugal.

A média de idades das detidas tem vindo a aumentar nos últimos anos, tendo com isso baixado ainda mais a literacia entre uma população de conhecida baixa escolaridade. Com uma distribuição do tempo certamente bem diferente da habitual fora da prisão, libertadas de tarefas domésticas e parentais, esperar-se-ia que a leitura lhes ocupasse mais tempo.

O objetivo central desta pesquisa foi compreender quais as práticas de leitura em tais condições, quais as leituras preferidas pelas detidas e porquê. Para além disso, e nesse contexto, que significados atribuem à leitura e como os constroem individual e socialmente, qual o papel que atribuem agora à leitura na sua vida quotidiana. A análise teve em conta dimensões sociais, tais como classe, género, etnia, idade, ocupação e educação.

Tendo concluído que os itens mais requisitados eram romances denominados de literatura *light*, de auto-ajuda e histórias trágicas de vida (*miseria lit*), esta pesquisa deu um segundo passo, passando a focar-se também nos títulos e géneros favoritos. Essa categorização é também questionada, dado que a literatura classificada frequentemente, e do ponto de vista do senso comum, como *kitsch*, ou cor-de-rosa, é classificada em alguns escritos académicos como *light* ou industrial. Tratou-se então de entender se existe alguma genealogia que ligue esta literatura, quanto a dispositivos estilísticos e narrativos e a conteúdos ideológicos, e se a sua popularidade poderia ser, ainda que parcialmente, explicada pela utilização de dispositivos e conteúdos semelhantes. Para compreender o que atraiu estas leitoras, realizou-se uma análise crítica de um título de cada género e da comparação, entre títulos, das passagens selecionadas como favoritas.

A biblioteca do Estabelecimento Prisional Especial (feminino) de Santa Cruz do Bispo foi terreno para estudo qualitativo que visou responder a essas questões e à sua evolução ao longo da pesquisa. A instituição, criada em 2004, é dirigida conjuntamente pelo Ministério da Justiça e pela Santa Casa de Misericórdia do Porto. Um protocolo com a autarquia local, Matosinhos, permite às mulheres sob regime aberto de detenção trabalhar em espaços públicos, executando tarefas como jardinagem e limpeza. Nesse âmbito ainda, as detidas fruem do serviço móvel da biblioteca municipal.

A biblioteca, contígua às salas de aula, é gerida pela técnica responsável pelo serviço educativo. Uma detida é responsável pela manutenção e pelo atendimento das utilizadoras. Contem cerca de 8000 monografias, em grande parte oferta da Fundação Calouste Gulbenkian, algumas revistas e um jornal diário, dois computadores sem acesso à Internet - possível só em aula, sob orientação da professora – e algumas dezenas de CD e cassetes vídeo.

## 2. Enquadramento teórico

### 2.1 Leitura e sistema prisional

A história da prisão moderna é genderizada desde o seu início, nos finais do século XVII, tendo sido moldada por normas patriarcais quanto à sexualidade feminina. Em hospícios eram detidas mulheres moralmente perigosas, prostitutas na sua maioria. Mas também as que desafiavam a moral dominante podiam ser entregues por pais e pares masculinos, se entendessem que a reputação familiar estava em causa. A correção era imposta através de trabalhos *femininos* e da prédica religiosa (Bosworth, 2000). Recentemente a população feminina encarcerada cresceu fortemente em diversos países, refletindo-se a moral de género em discriminação no tratamento conferido pelos sistemas penal e prisional (Fonseca, 2010; Myers, 1996).

O discurso desses sistemas foi centralmente construído em torno da reabilitação, sendo a leitura frequentemente usada como instrumento de controlo pelas autoridades prisionais. Orientadas para a biblioterapia (Sweeney, 2008), as bibliotecas foram instrumentalmente pensadas. Posteriormente, e com os resultados de tais programas a serem fortemente questionados, o direito a ler, por si só, pôde ser invocado como justificação

central para a sua existência (Barone, 1977), contrariando as práticas usualmente instrumentais na associação ao ensino ou ao melhoramento pessoal.

As detidas podem, aliás, investir a leitura de diferentes finalidades: recuperar a humanidade de que o aprisionamento as privou; reavaliar histórias e percursos pessoais, aprofundar o autoconhecimento, atribuir novos significados à sua vida através de experiências vicárias e experimentar novas posições, enquanto sujeitos, em processos identitários (Mendes, 2001), de tipo projetivo (Sweeney, 2004), e melhorar a autoestima e a literacia (Perez Pulido, 2010).

Evocarei estudos de outros países para comparação e referência, os de Cunha (2002) e Fonseca (2010) foram amplamente utilizados, conforme anotações que se seguem.

Para análise dos textos favoritos comparei géneros – recorrendo ao conceito de "novela rosa" de Amorós (1968) e ao de *kitsch* segundo Calinescu (1987). Os conceitos de *light* e *kitsch* passam depois a ser discutidos de acordo com teorias sobre o gosto, tendo em conta perspetivas de classe social, género e algumas análises de contexto histórico. Abordagens feministas ao *kitsch* e à literatura *light* foram especialmente consideradas.

## 2.2 As reclusas

Alguns dados sociodemográficos atualizados foram coligidos a partir de estatísticas do Estabelecimento. Do trabalho sobre ele de Fonseca (2010) foram usados os restantes dados estatísticos, chamando à comparação resultados de Cunha (2002) da década anterior para a prisão feminina de Tires, concelho de Lisboa.

A população detida tem crescido nas últimas décadas sem aparente conexão com a evolução dos níveis de criminalidade. Portugal tem um dos números mais elevados de condenadas na UE, com características demográficas particulares: várias mulheres são condenadas simultaneamente com parentes e vizinhos do bairro social, na sequência da repressão ao tráfico centrada nesses bairros (Cunha, 2002). Cerca de 9% dos detidos em Portugal são atualmente mulheres, que parecem ser objeto de uma aplicação da lei penal assente em pressupostos subjetivos, dado os papéis de género terem jogado uma função discriminatória saliente, mais do que a lei (Matos & Machado, 2007).

Na verdade, o estatuto duplamente desviante na rotulagem do discurso jurídico, de criminosas e simultaneamente transgressoras das expectativas de papéis dominantes de género, pode refletir-se em sentenças mais pesadas para crimes com violência, contrária à sua condição feminina “natural” (Fonseca, 2010). De acordo com esse duplo estatuto, a reabilitação moral das mulheres é promovida pela formação em cuidados domésticos, com crianças e com a família (Cunha, 2002).

Prisão e pobreza estão intimamente ligadas em muitas dessas vidas. Muitas das que trabalhavam fora de casa faziam-no em atividades de economia formal ou informal, sem proteção social. *Entre o bairro e a prisão*, a maioria destas mulheres é apanhada num círculo de pauperização em que o tráfico é simultaneamente produto e produtor. Frequentemente mulheres estrangeiras são também condenadas como correios de droga (Fonseca, 2010).

O controlo de comportamentos pode ser alcançado com uma multiplicidade de recursos, desde a aplicação de regras e horários uniformes até atitudes paternalistas de gestores e pessoal, levando a população detida a um estado de "incapacidade aprendida" (Zaitzow & Thomas, 2003).

## 3. Metodologia

Desenhou-se uma abordagem qualitativa, teoricamente suportada, apoiada em conceção metodológica integrada e diversificada. O trabalho empírico decorreu de fevereiro a maio de 2012. As práticas de leitura foram pesquisadas no seu contexto através de um conjunto de ferramentas, adaptadas às dificuldades inerentes às condições do terreno e às sugestões das próprias: observação etnográfica; entrevistas semiestruturadas, em profundidade, com oito mulheres; conversas informais com presas, guardas prisionais, profissionais e responsáveis pela gestão; uma sessão de grupo focal com seis leitoras; relatos de vida escritos por detidas. Uma amostra teórica de detidas foi construída de forma a refletir a diversidade, percebida pela sua caracterização

estatística, quanto à classe social, idade, educação, etnia, ocupação e frequência de visitas à biblioteca prisional. Usaram-se nomes fictícios para as designar. Note-se que, apesar da vontade expressa generalizada de colaborar na pesquisa, o próprio ciclo-de-vida da prisão nem sempre permitiu um acompanhamento sistematizado das informantes.

Enfocaram-se em especial os títulos preferidos de um tipo específico, a literatura *light*, dado ser tema ainda pouco investigado. Esses títulos foram analisados tendo em conta a estrutura narrativa e personagens, estilos e ainda temas e posturas ideológicas.

#### **4. Santa cruz do bispo**

O edifício prisional apresenta um desenho funcional e integra materiais de boa qualidade. As detidas estão distribuídas por quatro alas, uma com celas para mães com crianças e infantário. As celas estão frequentemente personalizadas com televisões, rádios e cortinas de cores vivas. As presas podem trabalhar algumas horas por dia, geralmente em tarefas subqualificadas. Além da escola e das oficinas, frequentam atividades organizadas tais como a catequese.

Alguns dados estatísticos apoiam este retrato: dados nacionais para 2011, entre parênteses retos, e dados do estabelecimento. No final de 2011 havia 281 presas, um terço em regime preventivo. Quase dois terços tinha entre 30 e 49 anos. Cerca de 15% eram estrangeiras [3,9%, residentes]. Passaram pelo ensino básico (4 a 6 anos) 60% [35,4%], cerca de 14% eram iletradas [6,8%], menos de 4% era licenciada [13,6% em 2010]. A maior parte trabalhava fora de casa, algumas eram donas de casa ou desempregadas e uma pequena parte aposentada. A atividade económica mais comum fora de casa era vendedora ambulante ou em feiras. Em 2010, segundo Fonseca (*op.cit*), a maioria era de etnia branca, a cigana atingia os 17% (para uns estimados 0,06%, no país em geral) e a negra 1,6%. A grande maioria residia no Norte. Drogas e crimes relacionados com estupefacientes representavam 58,5% das condenações, enquanto 35,9% das detidas reincidiam pela segunda vez, pelo menos. A grande maioria eram mães (*idem*). Podendo ter "visitas íntimas", uma vez por mês, casadas ou não, apenas uma percentagem muito baixa realmente as recebia - 9,6% em 2010. As visitas de familiares têm lugar ao domingo.

#### **5. Atmosfera na prisão**

A prisão assemelha-se a um hospital, com os seus longos corredores e instalações muito limpas. Guardas femininas vigiam as alas das celas, os masculinos asseguram a segurança geral. O ambiente é estranhamente calmo, nenhuma tensão aflora claramente, especialmente fora dessas alas. Contenção emocional, aparente depressão, assomam em muitos rostos, de quando em vez marcados pelo choro. Medicação e terapia ocupacional são comumente usados para modular comportamentos.

Revolta e ressentimentos por tratamento injusto parecem ser mais comuns após os primeiros meses de encarceramento, especialmente para quem afirma ter sido injustamente condenada. É provável que parte dessas mulheres tenha sofrido abusos de familiares masculinos – pelo menos metade, segundo em estudos dos EUA (Ferraro & Moe, 2003; Sweeney, 2004). Uma das técnicas afirmou que, pelo seu conhecimento empírico, o mesmo se aplica nesta prisão, embora as próprias possam não conceber essas situações como abuso. Muitas sofrem de toxicod dependência. A detenção pode assim ser sentida, paradoxalmente, como alívio, pelo menos parcial (Matos & Machado, 2007; Zaitzow & Thomas, 2003), como algumas confidenciaram. Senti que a inculcação desse melhoramento é ocasionalmente usada, como uma forma adicional de submissão.

Áreas comuns como a escola, oficinas, biblioteca ou até a capela – ocasionalmente adaptada para ginásio – são lugares de convívio discreto, conversas privadas não são permitidas.

Guardas femininas mostram por vezes uma condescendência maternal:

“Vá lá, limpe essas lágrimas, arranje-me essa cara, e não a quero ver assim outra vez”; “lembre-se disto, não se envolva com o tipo errado de pessoas, aqui!"; "pegue neste livro, leia, vá ao ginásio, vai sentir-se melhor".

A avaliação de atos passados conducentes à prisão e as ideias sobre um futuro lá fora são expressas em discursos frequentemente matizados por um tom (religioso?) de melhoramento pessoal, sendo a condição atual referida, paradoxalmente, como “oportunidade” para aperfeiçoamento. Sendo a conformidade e a submissão ao sistema facetas do sistema prisional, podem as detidas ter internalizado o seu discurso institucional (Goffman, 1961). Além do mais, pareceu-me, recorrer a esse discurso legitimado seria estratégia de defesa muito provável, em ambiente de permanente vigilância e onde a minha presença se tornou, ela própria e ocasionalmente, alvo de desconfiança. Manuela<sup>1</sup>, por exemplo, explica que provavelmente teria morrido se a sua toxicod dependência não tivesse sido ali tratada - tal como a detenção o fora -, o que não conseguira lograr no exterior. Sente que recuperou o controlo sobre a sua vida e sente-o como realização pessoal e exemplo para os filhos. Com aulas de artes e ofícios, com atuação teatral, as mulheres descobrem, como referiram muitas vezes Celeste<sup>2</sup> e Margarida<sup>3</sup>, formas de expressão e criatividade que “não sabíamos que tínhamos dentro de nós”. Frequentando a escola, lendo autores até aí desconhecidos, vislumbram realidades e experimentam emoções que lhes ampliam horizontes. Estas atividades podem reinvesti-las com traços de sensibilidade que a condição de presas lhes roubara e dar lugar a valorização e reconhecimento por terceiros, dentro e fora da prisão, caso da performance teatral recente que tivera cobertura dos meios de comunicação. Contudo, isso não significa uma assunção de justiça. Não significa tão pouco que, pelo seu olhar ou pelo de terceiros, não representem a prisão como “escola de crime”, sítio onde se aprende a “refundir” droga e onde se pode ser atraída para o tráfico. Já uma importante aprendizagem, feita dentro do sistema, é a do aproveitamento de cada oportunidade para combater a solidão e obter capacidades e recursos cognitivos ou emocionais, constituída numa forma de resistir à despersonalização e de alimentar esperança numa vida melhor. Maria João<sup>4</sup>, estabelece uma curiosa associação entre este ambiente e o do “colégio interno católico” que frequentou, contra vontade, quando adolescente, “só que este é mais brando”.

A evocação dos laços familiares, com os filhos em especial, foi sempre central nas suas narrativas, sabendo-se que mesmo na prisão as mulheres mantêm um significativo papel de cuidadoras, como traço característico de género (Cunha, 2002).

### **5.1 Leitura e biblioteca, antes e durante**

Sem catálogos, os livros são arrumados por temas. Em geral, não percorrem prateleiras, consultam a “colega” que trabalha na biblioteca. “Lê isto, vai-te fazer bem!”, aconselha ela. Este, seguido pelos conselhos das professoras, revelou-se o mais apreciado e disponível “sistema de referência”. Os pedidos de lazer ou para estudo recaem sobre diminuta parte do fundo, os livros oferecidos raramente lhes respondem (Eiras, 2007).

Contrariamente às alas, a biblioteca é sentida como lugar calmo, a conversa, não autorizada, faz-se aí com recato. A leitura faz-se depois, em geral à noite nas celas, quando o tempo “custa tanto a passar”.

Embora ler possa não ter sido sequer uma possibilidade para algumas delas, “há ciganas que sabem ler!”, exclama Maria<sup>5</sup>, sorriso confiante, orgulhoso. Impedidas de ir à escola, ao contrário dos rapazes, por pais – no caso de Maria - ou maridos – no de Dayara<sup>6</sup> –, podem obter agora um certificado de ensino secundário na prisão.

Em geral, os livros não tinham sido nem seus conhecidos nem próximos, a compra era inacessível às de famílias de menores rendimentos. Duas mulheres recordaram que a feira do livro era, na infância, oportunidade única no ano para que lhes comprassem um livro.

A leitura de jornais foi e ainda é um hábito para apenas umas quantas, a maioria prefere assistir aos noticiários nas celas. As revistas disponíveis não são muito apreciadas também, exceto as de manualidades. Curiosamente, as revistas “femininas” centradas na vida de socialites foram objeto de escárnio por duas das mais jovens entrevistadas. Diz Helena<sup>7</sup>: “são coisas que não me dizem nada”, os comentários às vidas alheias “nas revistas, televisão, no dia-a-dia”. São, em geral, folheadas descuidadamente, para passar o tempo.

Visitar a biblioteca era um novo hábito: raras frequentadoras prévias encontrei e, entre elas, uma só fora visitante frequente. Quase todas as inquiridas argumentaram que, com ocupações familiares, não tinham o tempo desejado para ler. A leitura tornara-se mais frequente para quem entrara já como leitora intensiva.



Algumas declararam ainda que esta biblioteca lhes apresentara autores e títulos que não teriam, muito provavelmente, conhecido no seu curso normal da vida.

Após a prisão, algumas mulheres recuperaram ou reforçaram uma prática de intimidade:

“Aqui, encontrei-me de novo na literatura” (Manuela).

“Sabe quem é o meu melhor amante, todas as noites? É um livro, porque eu durmo com esse livro e tenho muitas emoções!” (Margarida).

Conhecida a relativa homogeneidade social desta população prisional, contudo as opções de leitura variam em géneros e tipos de documentos – poesia, romance, romances históricos ou policiais, livros de autoajuda, de biografias trágicas, de cozinha, jornais, revistas -, com variações intra-individuais também. Alguns autores aclamados, referidos na imprensa, incluindo escritores “sérios”, são ocasionalmente objeto de pedidos locais - José Luís Peixoto, Mía Couto, Mario Benedetti - ou, excepcionalmente, reendereçados para o serviço móvel municipal. Os géneros mais solicitados são o romance cor-de-rosa, as histórias trágicas de vida – incluindo as que tomam a prisão ou as drogas como tema central –, de autoajuda e a poesia erótica. Note-se que as escolhas são condicionadas pela disponibilidade no local.

Mulheres mais jovens ocasionalmente jogam no computador. Assistir a vídeos é uma atividade apreciada, há visitantes regulares com esse fim.

Romances cor-de-rosa, ainda que lidos avidamente, “não precisam ser verdade” afirmam, fazendo questão de demonstrar a consciência da sua ficcionalidade. Alguns títulos favoritos estão constantemente emprestados. Projetar-se em personagens, viver vicariamente as suas experiências, aferir atos próprios com os dessas personagens, imaginar vidas alternativas, foram frequentemente mencionados como fundamentais num trabalho introspetivo intenso realizado por mulheres em processos de acerto de contas com o passado e a planear um futuro pós-saída (Sweeney, 2008; 2010). “Vou ver se sou uma boa mãe”, disse Maria João, lendo um livro recomendado na TV. “Já estou nos 50, [mas] se eu tivesse projetado aquela alternativa que encontrei no livro talvez a solução [que levou à condenação] tivesse sido diferente”, declarou Margarida. “Estamos sempre à espera que haja passagens, frases, que se identifiquem com as nossas vidas”, explica Maria João.

Tentei perceber se os hábitos de leitura haviam mudado após a detenção. As respostas foram negativas, entendi contudo que as mulheres pretendiam com isso reforçar autorrepresentações identitárias, como permanecendo intocadas por um ambiente construído como moralmente negativo. A questão aclarou-se depois: se não mudaram as práticas, mudaram os seus significados. Privadas de liberdade, lidando com culpa, arrependimento, solidão, raiva, saudade, resistindo a processos de homogeneização na prisão, investindo em práticas identitárias individualizantes de cuidados pessoais, de decoração das celas, a vida afetiva tornara-se diferente: “aqui dentro, sob detenção, sentimos tudo de uma maneira mais forte...”, explica Margarida, “... a dobrar...”, atalhou Celeste, “... vivemos tudo mais intensamente!”, concordou Maria João. Novos significados são construídos, incluindo para o que se relê.

Emocionalmente, um papel importante é atribuído à leitura, frequentemente descrita como “remédio sagrado” para chamar o sono, “terapia”, “consolação”, “escape”, mas também “adrenalina”, promovendo a “excitação” ausente numa vida plena de rotina.

“Daqui a única coisa boa que levo é a escola, porque de resto é dia após dia, dia após dia, o cérebro cada vez fica mais lento, cada vez me sinto mais distanciada da sociedade, com mais medo do que vou encontrar. Porque é muito tempo!, isolada. Mas eu não sou ninguém para ir contra o sistema. Por isso tenho que aguentar” (Helena).

As histórias trágicas de vida são por isso apreciadas. Ler *Christiane F.*<sup>8</sup>, fez Helena sentir-se “bem”, ela também tinha “conseguido sair da droga”. Poemas eróticos, do livro *Con-sensual-idade* de Teresa Machado, um dos mais pedidos, são usados para escrever cartas de amor em analogia com outras prisões (Álvarez & Álvarez, 2011; Sweeney (2010). “Fazer as nossas coisas” - manualidades, escrita e artes - podem aqui “tornar-se quase um vício”, declarou Margarida.

A leitura é ainda apoio na aprendizagem da escrita para quem estudou no estrangeiro, ou por pouco anos, ou ainda para quem o português não foi língua-mãe.

As representações da leitura assumem contornos diversos. As mais evocadas ancoram-se no trabalho emocional – equilíbrio, excitação –, associado à reflexividade sobre identidades em equação e mudança – autoavaliação, projeção em personagens, exploração prospetiva de formas de vida. Adicionalmente emergiram representações baseadas no entretenimento e no escapismo (Pereira, 2011), ou na construção de conhecimento, no caso de mulheres com menos escolaridade. Para outras leitoras, mais intensivas e experientes, com modos de leitura cumulativos, as representações eram complexas, combinando várias imagens.

## 6. Os títulos favoritos

Conhecidos os títulos mais requisitados e os sinalizados nas entrevistas como favoritos, decidi focar a minha análise no género de longe mais popular, o romance cor-de-rosa da literatura *light* ou industrial. O livro de autoajuda seguia-se na ordem de referências, juntamente com as histórias de vida dramáticas. Alguns dos títulos cor-de-rosa mais lidos apresentavam também uma faceta de autoajuda, o que as leitoras haviam já sinalizado. Acontece contudo que os autores, possam classificar diferentemente: Modignani fala de “romance cor-de-rosa”, Paulo Coelho de “esotérico” ou “autoajuda” e Margarida Rebelo Pinto insistia em “*pop*”, vincando contraposição a uma postura intelectual. Comumente é referida também como literatura *kitsch*.

Para as leitoras do grupo focal há, no entanto, uma única categoria de romance, que se subentende ser “romântico”.

Um bom romance, consideram, deve conter personagens com quem sentiam empatia, uma escrita adequada às capacidades leiturais, proporcionar prazer, ou, pelo menos, um final feliz ou reparador.

Surgiram então novas questões. Como e porque valorizam esses títulos e que traços os atraem mais? Alguma genealogia literária pode explicar, mesmo parcialmente, o seu sucesso?

Uma análise comparativa das características principais das três obras focou-se nos dispositivos narrativos e estilísticos e nos conteúdos temáticos e/ou ideológicos. Do elenco total de títulos preferidos, escolhi três dos mais populares: *Um sonho de vida* de Nora Roberts, *Onze minutos de Paulo Coelho*, e *Uma chuva de diamantes* de Sveva Casati Modignani.

Às leitoras pedi que, de cada, seleccionassem as duas ou três passagens favoritas. Sem surpresa, as três que menos dificuldade revelaram nessa tarefa são das leitoras mais ávidas, antes e durante o tempo de prisão. As seleções evidenciam a evocação de situações semelhantes às vividas pelas próprias, enredos e personagens servindo-lhes de referência e ponto de aferição. Apenas um comentário (*Uma chuva...*) referia opções estilísticas – “um jorro quente de lágrimas”, tão mais bonito do que simplesmente “chorar”, explicou Celeste.

Como nota final, relevo a importância da leitura nas suas sociabilidades, incluindo nos processos informais e grupais de formação de opinião sobre o que leem.

### 6.1 Comparação entre títulos e linhagem literária

De seguida, comparo sumariamente enredos e personagens dos três romances. Depois, abordo os conceitos de literatura cor-de-rosa e *kitsch* e a sua aplicabilidade aqui. Por fim, confronto os resultados dessa análise comparativa com declarações sobre as razões das preferências.

Os três romances evidenciam o uso de fórmulas literárias que não são novas. A narrativa centra-se numa mulher de classe baixa em ascensão social por ligação a um homem rico e mais velho. O amor – aqui sinónimo de amor heterossexual – acontece, *naturalmente*, à primeira vista e pode ser ameaçado por problemas sexuais que só um verdadeiro amor supera. As heroínas, ainda que personagens autónomas, com ideias próprias, e inicialmente avessas ao apaixonamento, acabam por ceder, cumprindo o papel do ser imperfeito que se completa no casamento e talvez na maternidade, na linha do ideal platónico do encontro de “almas

gêmeas”. Os protagonistas masculinos, maduros em idade e mentalidade, calmos e fortes, são ricos, proporcionando um perfeito apoio financeiro e emocional. Os seus nomes podem ter um toque aristocrático (Byron de Wit, em *Um sonho de vida*). De contornos pouco claros, os retratos físicos e psicológicos facilitam a projeção emocional. Trabalho ou dinheiro são questões rodeadas de omissões, as fortunas simplesmente acumulam-se, mesmo em circunstâncias adversas. Problemas sociais, ora estão ausentes, ora se nomeados são logo descartados (a guerra, em Modignani) ou ridicularizados (manifestações de curdos, em Coelho). As estruturas narrativas estão permeadas por inconsistências – aliás facilmente identificadas por fãs, segundo *posts* em Sítios como Goodreads, blogues pessoais ou livrarias *on-line*. O mesmo se aplica à repetitividade de enredos e situações. Não apenas este último traço, como o anterior, são muito provavelmente o resultado previsível duma escrita em massa, os seus autores podem lançar vários títulos por ano. As personagens podem aparecer em mais de um livro, em similaridade com as novelas e séries de TV, caso da série *Sonho* de Modignani. Alguns ambientes de interiores domésticos fizeram-me recordar imagens de propaganda comercial, com várias décadas.

## 6.2 A novela rosa de Amorós

Todos estes traços são coincidentes com os que Amorós usa para caracterizar a “novela rosa”, publicada desde 1946 até ao presente, e em que sobressaiu Corín Tellado. A diferença mais evidente reside no facto de que as protagonistas contemporâneas são investidas de carácter mais forte. Os homens não são necessariamente o lado do par que resiste a casar, pelo contrário, as mulheres estão agora dotadas de alguns desses traços, estereotipicamente masculinos. Cinquenta anos depois, essas mulheres são ainda retratadas como sujeitos secundarizados: se “emancipadas”, é o estereótipo patriarcal que as apresenta como masculinas, sem emoções, atributo de que se libertam por fim por intervenção do herói contracenante.

O uso de dispositivos estilísticos, anteriormente abundantes - tais como a adjetivação afetada - não ocorre frequentemente nos três casos e o melodramatismo extremo já não é ingrediente básico. Os dispositivos literários parecem aliás restritos a um mínimo.

Ao contrário de Amorós, não presumo que o uso de linguagem coloquial, encontrada igualmente nestas obras, deva ser considerado marcador distintivo da literatura rosa ou da industrial, autores contemporâneos usam-na também na literatura enquadrada pelo cânon académico.

## 6.3 Literatura industrial e Kitsch

Grupos da classe média do século XIX alimentaram ideologicamente os fundamentos estéticos do *kitsch*, segundo Calinescu (1987), ao pretenderem imitar o gosto da aristocracia deposta. Atualmente, uma referência de classe à aristocracia será desadequada, contudo alguns traços do *kitsch* persistem na literatura industrial: a burguesia alta parece ter tomado o lugar dos aristocratas, as aspirações oriundas do meio da escala social refletem agora traços do seu (suposto) modo de vida.

Com efeito, o desprezo social pela literatura industrial pode ser interpretado como transferência do desprezo para com as camadas mais baixas da pequena burguesia, classe com que ninguém se quer identificar, marcada pelo persistente pesadelo de cair na pobreza. As camadas inferiores da classe média podem ser “a classe social com a mais baixa reputação em toda a história da teoria das classes” (Hartley apud Felski, 2000, p. 46), com uma “identidade negativa”, não tendo “nada a declarar” quanto à mudança social, frisa Felski (2000).

*Esta classe média mais baixa está hoje fortemente feminizada, as mulheres constituindo uma grande parte do trabalho no setor terciário. Alguns valores tradicionalistas estão também associados às mulheres: “domesticidade, puritanismo, aspirações dirigidas ao refinamento” (idem, 48). Assim, a literatura industrial aparenta uma aproximação à classe-média-baixa, à medida que esta se torna mais letrada. Efetivamente, kitsch e light-lit (chick lit, como por vezes é designada também) partilham este rótulo de feminilidade. É um exercício interessante, contudo, comparar a rotulagem de romances rosa industriais*

*ou de revistas femininas e outras formas de escrita “inferiores”, segundo o cânon acadêmico. Se comparados com os jornais desportivos, com um análogo papel de gênero no lazer, os preconceitos afloram, já que estes últimos não são objeto de análoga depreciação.*

#### **6.4 Uma receita de sucesso comercial**

*Comparo, de seguida, as principais características destes romances industriais com as do kitsch, usando a perspectiva de Calinescu (1987).*

Consideremos primeiro a evitação do risco, característica fundamental, consubstanciada em "repetição, banalidade, trivialidade" (p. 226). Tanto o kitsch como o *light* são produtos culturais do industrialismo e talvez até mais claramente, para Calinescu, produtos do espírito de decadência gerado pelo sistema capitalista industrial. Presentemente os romances são escritos de acordo com uma fórmula de produção em massa, automatizada, traduzidos para uma grande variedade de línguas: a tecnologia facilita a produção e difusão, a comercialização planeia-se à escala global. As vendas já não são medidas em milhares, mas em milhões de exemplares. Expostas em toda a parte, desde supermercados e postos de correios até tabacarias, essas novelas são promovidas por grandes livrarias e cadeias em lançamentos espetacularizados, a preços baixos, com capas e títulos cativantes. Os autores *light*, frequentemente inseridos no sistema de estrelato televisivo e publicitário, chegam a ser recrutados pelos editores entre apresentadores de notícias e copywriters (Pinho, Teixeira e Ferreira, 2009).

*Em seguida, consideremos o kitsch como literatura baseada em “sensações falsas”, “experiência vicarial” e “uma estética de decepção e auto-decepção” (Calinescu, 1987, p. 229). Um sentimentalismo feito de lembranças de um passado idílico, de “fantasias que servem de pontos cálidos nas nossas vidas frias [...] lembrando-nos que as coisas foram boas outrora e que as coisas podem ficar boas de novo”, é talvez o seu elemento mais marcante, comenta Felski (1990, p. 10-11). Nos romances rosa atuais a nostalgia não está necessariamente vinculada a factos das vidas das heroínas, está sim claramente associada a modelos regressivos de papéis de gênero, caso da persistência do estatuto de mãe/mulher casada como condição para uma vida perfeita.*

*Se considerarmos o efeito de relaxamento hedonista, tanto um como outro estilo propiciam resultados semelhantes. O hedonismo, em Calinescu, aparece intimamente ligado a um centramento num eu des-socializado, talvez ligado a um auto-aperfeiçoamento dirigido à supremacia pessoal, como resposta aos problemas da vida quotidiana. O excesso no âmbito das relações amorosas, antídoto e salvação para um quotidiano entediante, é não só permitido como, aparentemente, esperado. No final feliz reside a “promessa de uma catarse fácil” (p. 228).*

Por fim, o kitsch é concebido como inadequação estética ao mobilizar temas e apropriar-se, de forma estranha, fora de contexto, de partes de obras com anterior alto estatuto. A literatura *light* pode, ainda e ocasionalmente, ir buscar referências aristocráticas, embora pareça assente em ambientes incaracterísticos, ou do tipo manta de retalhos eclética, facilitando o marketing para um público vasto. O estilo tende a ser lano, o nível de linguagem bastante comum. Aparentemente desprovida de preocupações estéticas, é literatura construída em oposição a uma literatura erudita, de postura de académica, ou como uma receita condescendente para "as massas".

*O sentido de domesticidade, ou os seus valores – tomados frequentemente como equivalentes aos das mulheres leitoras, como sugerido acima – podem ganhar novo matiz na literatura industrial. Temas e ideias familiares, e até personagens recorrentes, fornecem o aconchego do já conhecido. A domesticidade casa com repetição tranquilizante e evitação do que é novo.*

De forma concisa, a novela *light* incorpora as fórmulas repetitivas, os enredos, temas e personagens estereotipados, a emocionalidade do kitsch e uma estética e ideologia semelhantes.

*Contudo, não em oposição total a Calinescu, mas complementando o seu ponto de vista, adiro às posições de Radway (1984) ou Sweeney (2010) enfatizando que a leitura é também instância para agência e resistência, podendo as leitoras apropriar-se das narrativas para diferentes fins. Para além disso, equiparar uma experiência vicarial a falsidade ou auto-decepção é, parece-me, um juízo demasiado simplista e redutor. Como nota Olalquiaga (1998) e recordando Walter Benjamin, em tempos de crise, o símbolo é esvaziado de significado e a alegoria toma o seu lugar, enquanto forma externa que assumirá novos significados no*

*processo de apropriação. Para ela, o kitsch é uma resposta que assume a forma de uma sensibilidade da perda, sustentado-se na recriação de memórias ou fantasias de um passado idílico, perspectiva que também adoto, evitando assim leituras deterministas e rótulos estigmatizantes. Entendo, ainda assim, que os textos analisados não deixam de se basear na repetição, no estereótipo, numa ideologia socialmente regressiva.*

Algumas observações adicionais sobre o consumo de literatura industrial: apesar de outras categorias poderem cumprir os critérios, segundo as entrevistadas, de uma leitura apreciada – com a eventual exceção do final feliz –, a única categoria de romance maciçamente presente na biblioteca é a *light*, precisamente. É conhecido, mas será conveniente reforçar, que diversas pessoas, incluindo as e os leitores intensivos de outros gêneros, consomem esta literatura, em perfis leituras cumulativas. Várias profissionais neste serviço educativo apreciam-na também. O que se lê mais dentro da prisão corresponde ao que se vende mais cá fora. Se as apropriações são as táticas dos fracos (Certeau, 1990) e corroboram, não negando portanto, as relações de dominação, entendo as apropriações leituras nesta prisão como formas de contornar debilidades na procura e desadequações na oferta, construindo experiências de leitura a partir daquilo que está ao alcance da mão.

## 7. Conclusões

*Uma nova alocação de tempo, a disponibilidade de livros na biblioteca e escolarização dentro da prisão de Santa Cruz do Bispo têm levado à expansão da leitura, a qual desempenha papel de relevo nas sociabilidades das detidas. É em reclusão que muitas das mulheres detidas acabam por ter um contacto primeiro com uma biblioteca e com a leitura de lazer, o que reenvia para deficientes ou inexistentes oportunidades sociais para o fazerem fora da prisão.*

As preferências de leitura das detidas variam, estendendo-se por gêneros literários e mostrando combinações individuais de gosto. Os romances cor-de-rosa, industriais ou *light* são os mais apreciados, num modo de leitura complexo associando emocionalidade e reflexividade, convocada para trabalho interior em processos identitários, assente tanto em avaliação do passado como em projetos de vida. Modos de leitura escapista e de entretenimento têm lugar importante também entre as práticas de leitura, assim como um modo de aquisição de conhecimento.

Romances atualmente rotulados como *light* são versões contemporâneas do romance rosa e kitsch, partilhando com estes gêneros diversos traços.

Esta literatura é produzida com finalidades comerciais claras e a ideologia em que está embebida é frequentemente regressiva. Contudo, deve notar-se que preconceitos sociais de classe e de género tendem a vir à superfície em muita da crítica que lhe é dirigida, e que como tal merece ser desconstruída. É importante também salientar que interpretações pessoais e finalidades pessoais atribuídas à leitura se refletem nas apropriações táticas das leitoras detidas que usam a literatura *light* como um meio disponível para lidar com uma vida de encarceramento, no que revelam uma margem de manobra possível enquanto agentes sociais.

*Não propondo, embora, que bibliotecas de prisão – ou outras – devam ter uma abordagem preconceituosa banindo a literatura industrial, proponho sim que promovam, a par de práticas de leitura grupal e crítica, uma diversificação de géneros, autores e estilos que facilitem a formação dos gostos e ampliem as possibilidades de desenvolver diversos modos de ler.*

## Referências bibliográficas

- Álvarez, C., & Álvarez, N. (2011). Hábitos lectores en el CCP Colina I. *Serie Bibliotecología y Gestión de Información*, (67).
- Amorós, A. (1968). *Sociología de una novela rosa*. Madrid: Taurus.
- Barone, R. M. (1977). De-programming prison libraries. *Health (San Francisco)*, 68(9), 293–298.
- Bosworth, M. (2000). Confining Femininity. *Theoretical Criminology*, 4(3), 265–284.
- Calinescu, M. (1987). *Five faces of modernity*. Durham: Duke University Press.

- Certeau, M. (1990). *L'invention du quotidien* (2ª ed.). Paris: Gallimard.
- Cunha, M. I. P. da. (2002). *Entre o bairro e a prisão*. Lisboa: Fim de Século.
- Eiras, B. D. (2007). Uma janela para o mundo. In 9º Congresso Nacional de BAD (p. 7). Ponta Delgada: BAD.
- Felski, R. (1990). Kitsch, romance fiction and male paranoia: Stephen King meets the Frankfurt School. *Continuum: The Australian Journal of Media & Culture*, 4(1).
- Felski, R. (2000). *Doing Time: Feminist Theory and Postmodern Culture*. New York: NYU Press.
- Ferraro, K. J., & Moe, A. M. (2003). Women's stories of survival and resistance. In *Women in prison* (p. 65–93). London: Lynne Rienner.
- Fonseca, C. R. (2010). *Crime e castigo*. Coimbra: Almedina.
- Goffman, E. (1961). *Asylums*. Garden City, N.Y.: Anchor Books.
- Matos, R., & Machado, C. (2007). Reclusão e laços sociais. *Análise Social*, XLII(185), 1041–1054.
- Mendes, J. M. (2001). O desafio das identidades. In B. de S. Santos (Ed.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* (p. 489–523). Porto: Afrontamento.
- Myers, T. (1996). *Criminal women and bad girls*. Montréal: McGill University.
- Olalquiaga, C. (1998). *The artificial kingdom*. New York: Pantheon Books.
- Pereira, A. C., Pimenta, R., & Miranda, A. (2011). Ler é fugir daqui. *Público*, (2 out.), p. 18–35.
- Perez Pulido, M. (2010). *Programs promoting reading in Spanish prisons*. *IFLA Journal*, 36(2), 131–137.
- Pinho, N., Teixeira, S., & Ferreira, S. (2009). *Saber o bem que se quer: Sei Lá, de Margarida Rebelo Pinto e Oficina do Livro, como caso de sucesso em marketing editorial* [pre-print]. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Radway, J. (1984). *Reading the romance*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Sweeney, M. (2004). Prison narratives, narrative prisons. *Feminist Studies*, 30(2), 456–483.
- Sweeney, M. (2008). Reading and reckoning in a women's prison. *Texas Studies in Literature and Language*, 50(3), 304–328.
- Sweeney, M. (2010). *Reading is my window*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Zaitzow, B. H., & Thomas, J. (Eds.). (2003). *Women in prison*. London: Lynne Rienner.

---

150 anos, classe baixa, a completar o 9º ano

243, técnica do terciário, classe média-baixa, 12º ano, estudou no estrangeiro

341, técnica da indústria, classe média-baixa, 12º ano

454, profissional das artes, curso superior, oscilação frequente entre classe média e baixa, estudou no estrangeiro

555, a completar 9º ano

630, vendedora ambulante, a completar o 9º ano

718, família proprietária de lojas, a completar o 9º ano

8 *Os filhos da droga*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1981.